

Patrícia Alexandra Gonçalves

Andreza de Araújo Mello

Bruna Oliveira

Deisielly Guedes

Marseille Lopes Costa

Pedro Henrique Neves

Representação e transgressão: percursos femininos em uma Itália que se reinventava

Patrícia Alexandra Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

patricialexg@gmail.com

Andreza de Araújo Mello

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

andreza.santos.araujo@gmail.com

Bruna Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

b.oliveira2703@gmail.com

Deisielly Guedes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

deisielly@live.com

Marseille Lopes Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

marseillelopes@gmail.com

Pedro Henrique Neves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

pedrohenrique.neves@live.com

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma faceta do Renascimento italiano pouco reconhecida pelo cânone: a atuação de mulheres na vida artístico-cultural italiana. Escolhemos para nosso corpus uma patrocinadora das artes, Isabella D'Este, três poetisas, Vittoria Colonna, Veronica Franco e Gaspara Stampa, para, através de seus percursos podermos refletir sobre a posição feminina de então e sobre a nossa própria realidade: nenhum direito é imutável, é necessário que todos estejamos sempre atentos a possíveis restrições. O acesso à educação para mulheres sempre foi mais restrito, pois seu papel na sociedade, embora muito necessário ao desenvolvimento coletivo, sempre foi apontado como algo menor. Por causa disso, sua participação na vida cultural costumava se restringir à posição de público ouvinte, raramente sendo alçada à posição de produtora de arte. Nas próximas páginas, esboçaremos um retrato de cinco mulheres que

ultrapassaram os limites a ela impostos e por via dessas transgressões conquistaram um espaço na História.

Palavras-chave: Mulheres. Patriarcado. Renascimento. Poesia. Cartas.

ABSTRACT: Questo articolo mira a presentare una faccia del Rinascimento italiano poco riconosciuto dal canone: la partecipazione delle donne nella vita artistica e culturale italiana. Abbiamo scelto per il nostro corpus una mecenate delle arti, Isabella D'Este, tre poetesse, Vittoria Colonna, Veronica Franco e Gaspara Stampa, in modo che attraverso il loro percorso possiamo riflettere sulla posizione femminile di quel tempo e sulla nostra realtà: nessun diritto può essere visto come qualcosa che sarà sempre lì e perciò dobbiamo essere sempre attenti. L'accesso all'istruzione per le donne è sempre stato più limitato, perché il loro ruolo nella società, pur essendo molto necessario per lo sviluppo collettivo, è sempre stato indicato come qualcosa di più piccolo. Per questo motivo, la loro partecipazione alla vita culturale era limitata alla posizione del pubblico ascoltatore, raramente cresciuta alla posizione di produttore d'arte. Nelle prossime pagine, disegneremo un ritratto di cinque donne che superarono i limiti loro imposti e attraverso queste trasgressioni conquistarono uno spazio nella storia.

Parole chiave: Donne. Patriarcato. Rinascimento. Poesia. Lettere.

ABSTRACT: This paper aims to present a facet of the Italian Renaissance little recognized by the canon: the role of women in Italian artistic-cultural life. We chose for our corpus a patron of the arts, Isabella D'Este, three poets, Vittoria Colonna, Veronica Franco and Gaspara Stampa, so that, through their paths, we can reflect on the feminine position at that time and about our own reality: no right is immutable, it is necessary that we are always aware of possible restrictions. The access to education for women has always been more restricted, because their role in society, although very necessary for collective development, has never been highlighted. For this reason, their participation in cultural life used to be restricted to the position of listening audience, rarely being raised to the position of art producer. In the following pages, we will sketch a portrait of five women who have exceeded the limits imposed on them and through these transgressions have conquered a place in History.

Keywords: Women. Patriarchy. Renaissance. Poetry. Letters

A disparidade entre os tratamentos dados aos diferentes sexos é um fenômeno que se observa desde o princípio da humanidade, com variações étnicas, diacrônicas e/ou diatópicas para melhor ou pior, e esse fenômeno inevitavelmente se estendeu às esferas artísticas, criando, dessa maneira, um cânone que em sua essência é masculino e eurocêntrico. Essa decisão de optar por um cânone masculino não se deveu a uma suposta inferioridade intelectual feminina e uma justificativa que exaltasse uma eventual superioridade masculina não se explicaria biologicamente, como muitos gostariam, mas por fatores como a escolaridade reduzida, a falta de acesso ao meio artístico e, às vezes, a violência conjugal. O papel da mulher, ao longo do desenvolvimento civilizatório, consistiu essencialmente nos cuidados da casa e da família para que o marido pudesse se dedicar ao seu sustento.

Beauvoir (1995), ao analisar a condição da dona de casa em *L'età forte*, traça um quadro francamente desanimador. Segundo a pesquisadora francesa, a mulher casada, que se dedicava apenas às lidas do lar, era vista pela sociedade como o servo do senhor feudal: embora a sua atividade fosse fundamental para o sucesso do marido e dos filhos, nenhum mérito lhe era, em geral, reconhecido. O isolamento em que vivia a tornava cada vez mais refém do marido e reduzia suas possibilidades de modificar sua situação e tornar-se artífice do próprio destino: ao permanecer num limbo social, sem relações sociais que lhe permitissem buscar uma colocação no mercado de trabalho e sem qualquer especialização profissional, de que maneira ela poderia almejar qualquer modificação na sua vida? Se voltamos alguns séculos antes do advento feminista, encontramos uma situação ainda pior. A educação era ainda mais restrita, embora coexistissem duas realidades para dois modelos distintos de

mulher: a pobre, que, como a mulher pobre de qualquer época, conseguia trabalhar, pois a força de trabalho era sempre necessária e a não existe maior incentivo do que a fome, e a mulher rica, nas suas diversas nuances, que fundamentalmente vivia para a família, servindo de ombro para o marido, muito embora não fosse ela uma gigante. Em face dessa realidade, decidimos traçar um retrato de mulheres que poderiam, em virtude do período em que viviam, ter se dedicado à vida do lar, mas que, cada uma nas suas circunstâncias, deram um passo além e viveram vidas extraordinárias.

Nossa primeira personagem é Isabella d'Este também conhecida como Marquesa de Mântua, uma personalidade importante para o movimento renascentista italiano, pois ela patrocinou importantes artistas como Leonardo da Vinci e Andrea Mantegna. Nascida em 1474, em Ferrara, Isabella fez parte da elite italiana e obteve uma boa formação, tendo estudado com grandes intelectuais humanistas e diversos artistas que, mais tarde, fizeram parte do que conhecemos como Renascimento Italiano, período histórico que foi uma janela aberta para a arte em suas diversas facetas entre a segunda metade do século XV e a primeira metade do século XVI. Originou-se em Florença e de lá espalhou-se pela Itália em algumas cidades e chegou a ter pontos ativos em outros países, como a Espanha. O nome Renascimento foi atribuído para representar exatamente aquilo que ele representa, um renascimento da arte, porém, esse conceito faz parecer que a arte estava morta ou adormecida durante a Idade Média, o que é um erro. A arte nunca adormeceu ou morreu e temos inúmeros artistas que não nos deixam mentir, mas, sem dúvida, esse período marcou uma pequena revolução nas artes e deu um fôlego à Itália, que desde a queda do Império Romano sofria com diversas dominações estrangeiras. Além

da sua importância como apoiadora de diversas obras renascentistas, Isabella teve um grande destaque no campo político ao atuar como governante regente de Mântua, porque em 1509, seu marido, Francesco Gonzaga, foi capturado pelo rei Carlos VIII, da França, como prisioneiro de guerra e deixou seu trono desocupado.

Durante o período de seu governo regente, a marquesa obteve êxito ao defender Mântua dos ataques dos franceses e teve grande apoio popular, além de, graças a uma postura não conflituosa, negociar de forma bem-sucedida o regate de seu marido. O apoio dado à Marquesa pelo povo mantuano foi tão significativo que quando o seu filho, Federigo II, assumiu o posto de Marquês de Mântua devido à morte de seu pai, a população lhe rogou para que cedesse o trono à sua mãe. Federigo consentiu e Isabella d'Este governou a região e deu o título de duque ao seu filho. Segundo Deanna Shemek e Daniela Ferrari,

Durante as ausências do marido, ela supervisionou assuntos tão diversos como justiça criminal, diplomacia, gestão agrária e agrícola, saúde pública, espionagem e economia doméstica. Ela também se comunicou continuamente a Francesco por carta, documentando com detalhes consideráveis suas atividades como sua líder política substituta. Quando Francesco retornava, Isabella viajava frequentemente como representante diplomática de seu tribunal, negociando acordos delicados para o benefício de Gonzaga e representando os interesses de Mântua nas cortes de Roma, Milão, Veneza, Nápoles e outros lugares (2015, s/p).

Como governante de Mântua, Isabella proporcionou à cidade grandes incentivos culturais, como a implantação de museus e o financiamento de uma escola para meninas. Conforme mencionado anteriormente, ela patrocinava os artistas, encomendando aos pintores retratos de si.

A respeito do campo das artes, Isabella tinha uma relação amistosa com Ludovico Ariosto, autor *Orlando Furioso*. Ariosto e d'Este eram tão próximos a ponto de o escritor mencioná-la três vezes no poema épico. A propósito das três aparições de Isabella no poema, Lisa K. Regan escreveu:

Sempre se presumiu que todas as três são completamente louváveis, resultado de uma relação particularmente amigável entre Ariosto e Isabella, datada de uma visita a Mântua em 1507, durante a qual Ariosto entretinha a marquesa com leituras de fragmentos iniciais do poema (2005, p. 50).

Isabella se destaca na sua sociedade tanto pela questão econômica como pela sua postura enquanto dama da corte na Itália renascentista. Segundo Xavier S. Talvela(2017), d'Este modificou, de forma sutil, a função da mulher no período do Renascimento, fazendo uma transição da postura passiva para a ativa. Ao contrário das demais damas da corte, que assumiam funções vistas como decorativas nos espaços culturais onde os homens discutiam as questões renascentistas, Isabella d'Este foi mecenas e admiradora de diversas formas de artes, sendo entusiasta de estátuas e pinturas mitológicas antigas - itens geralmente reservados para a coleção de homens renascentistas (TALVELA, 2017, p. 3).

Conforme relatado em suas cartas, Isabella dedicou parte de sua vida a colecionar obras de arte, livros e demais artigos. Sua coleção era tão vasta que um ano após a sua morte, que ocorreu em 1539, um inventário dos seus pertences foi elaborado. Os itens pertencentes à Isabella e ao filho Federigo chegaram ao número de 7 mil, e uma parte significativa dessa coleção de Isabella está alocada, atualmente, nos principais museus e bibliotecas do mundo.

Nossa próxima personagem é Vittoria Colonna, poetisa italiana do Renascimento e a primeira mulher a ser publicada no país. Nasceu no ano de 1490, em Marino, Itália, e fazia parte de uma das famílias mais poderosas de sua época. Como membro da aristocracia, Vittoria Colonna teve seu casamento arranjado desde a infância. Foi prometida a Francesco Ferrante D'Avalos, o Marquês de Pescara, com quem se casou quando atingiu a maioridade. Embora Colonna parecesse, de fato, amá-lo, a constante ausência de D'Avalos no Castelo em Ischia, visto que ele estava sempre em batalha, fez com que ela se sentisse muito solitária, o que provavelmente colaborou para os seus anseios literários. Durante esses períodos de solidão, Vittoria dedicava seu tempo a escrever para o Marquês e, assim, deu início aos seus primeiros escritos.

Muitos estudiosos dividem a carreira de Vittoria Colonna em dois momentos literários: rimas 'amorosas' e rimas 'espirituais', uma vez que, inicialmente, a poetisa escrevia somente epístolas de amor dedicadas ao companheiro. Com a morte do marido, em 1525, após a batalha de Pavia, Vittoria se retirou para um convento em Roma e voltou sua atenção para a religião, passando a escrever uma série de rimas religiosas e espirituais.

Nos anos seguintes, Vittoria tornou-se reconhecida pelos seus escritos. No entanto, seu modo de viver foi contestado pela sua família, principalmente pelos seus irmãos, visto que a família esperava que Colonna se casasse novamente. Essa situação ocasionou um conflito entre a Igreja e a Família Colonna, fazendo com que a Marquesa de Pescara retornasse à Ischia. Em 1531, Nápoles é atingida pela peste e, conseqüentemente, a ilha de Ischia, e, devido a essa situação, Vittoria foge para Arpino e, logo em seguida, para Roma. Ali, ela

conhece Pietro Bembo, importante intelectual da época, com quem estreita uma relação de amizade e, alguns anos depois, Michelangelo Buonarroti.

Sua coletânea baseia-se nos modelos linguísticos petrarchescos, incentivada por Pietro Bembo e mais alguns autores do seu período, entre eles, Michelangelo Buonarroti. Nasce uma profunda ligação entre Colonna e Buonarroti e, a partir disso, os dois começam a trocar cartas em que compartilham seus conhecimentos sobre poesias, ideais comuns e, principalmente, seus interesses por arte e religião. Devido a essa aproximação, a Marquesa de Pescara consegue influenciar positivamente nas obras em que Michelangelo exprime sua religiosidade, podendo ser observada, por exemplo, em *Pietà per Vittoria Colonna*. Foi uma relação de muitas trocas, Michelangelo dedicou-lhe muitas pinturas e poesias, e Colonna por sua vez, dedicou a Buonarroti uma quantidade significativa de poemas.

As composições de Colonna não ficaram somente no campo da poesia, a Marquesa também escreveu prosas de temáticas religiosas que foram publicadas em edições separadas. Seus trabalhos em prosa mantiveram seu interesse pela reforma da igreja e por figuras religiosas que ressignificariam o papel da mulher dentro da sociedade. As figuras femininas que mais se destacaram nas obras de Vittoria Colonna foram: Virgem Maria, Maria Madalena e a Catarina de Alexandria.

Uma série de obras de Vittoria Colonna expressam um interesse pela figura da Virgem Maria, que se concretiza para a poeta como um modelo de inspiração e influência positiva no estilo de vida das mulheres da época. Colonna cria em suas obras uma concepção de Maria como uma mulher reflexiva, que medita e contempla, e cultiva essas características como práticas

a serem seguidas pela sociedade feminina, sendo um estímulo para as mulheres que querem melhorar sua devoção a Deus.

Vittoria via o seu trabalho como uma maneira de romper alguns conceitos acerca da devoção feminina. A própria imagem de Maria, vendida pela igreja e por escritores homens, por exemplo, visava construir um ideal de uma mulher “bem-comportada”, da necessidade de permanecer virgem para ser pura. No entanto, Vittoria Colonna foi mais a fundo e fez com que sua poesia inspirasse mulheres a praticar sua devoção de modo individualizado e autônomo, a fim de que essas mulheres pudessem ter suas próprias interpretações e pensamentos. Suas obras eram um incentivo à liberdade de expressão dentro de uma sociedade que oprimia, a qualquer custo, toda a manifestação da criatividade feminina.

A história de Verônica Franco, nossa próxima personagem de análise, retrata muito bem o papel da mulher que não pertence à corte na Veneza do século XVI. Apesar de ter sido filha de uma cortesã, foi educada para se tornar uma mulher digna de um bom casamento, o que não tardou a acontecer, pois casou-se jovem com um médico. O casamento, entretanto, não durou muito tempo e Franco não tinha dinheiro para se manter, o que a levou a optar por seguir os passos de sua mãe. Ao entrar nessa nova fase de sua vida, Verônica Franco conheceu homens influentes e ingressou no mundo literário. Aprendeu muito sobre política e sobre poesia, o que lhe permitiu escrever duas obras, *Terze rime* e *Lettere familiari a diversi*. O primeiro livro continha poemas direcionados a alguns de seus amantes, e suas respectivas respostas. Já a segunda obra é composta por 50 cartas.

Sua obra *Terze Rime* dispõe de 25 capítulos, dos quais 18 são compostos por Franco e os demais por alguns homens que fizeram parte de sua vida, mas nem todos escreviam para elogiá-la, havia os que escreviam para insultá-la. É interessante lembrar que a poetisa não revelava o nome de seus correspondentes. A uma dessas ofensas, Verônica Franco respondeu utilizando o seguinte poema que se encontra no capítulo 16 de sua obra e do qual destacamos o seguinte fragmento (FRANCO, p. 162):

Quando armate ed esperte ancor siam noi,
render buon conto a ciascun uom potemo,
che mani e piedi e core avem qual voi;
e se ben molli e delicate serno,
ancor tal uorn, ch'e delicato, e forte;
e tal, ruvido ed aspro, e d'ardir scerno.

As palavras de Verônica mostram sua indignação com as ofensas recebidas, e as direcionadas a outras mulheres, pois, apesar de as cortesãs terem mais independência e serem mais ouvidas pelos homens, não eram respeitadas como uma mulher casada, não tinham qualquer proteção da sociedade e, por vezes, sofriam com falsas acusações, como aconteceu com Verônica Franco, que foi acusada de ser bruxa.

À época, não havia um movimento feminista como há nos tempos atuais, mas sempre existiram mulheres como Franco, que viveram à frente do seu tempo, e sabiam o que era preciso fazer para mudar aquela realidade, porém não tiveram muitas oportunidades e frequentemente pagaram um preço alto por não se submeterem aos preceitos sociais vigentes. Em 1998 foi lançado o filme *Dangerous beauty*, que mostra a vida amorosa de Veronica Franco. De acordo com o filme, a jovem era apaixonada por um rapaz, cujo status social

estava acima do seu e por isso não puderam se casar. Assim, a única forma que a jovem encontrou para ficar perto de seu grande amor foi se tornar uma cortesã. Seja para sustentar a família, ou para estar mais próxima ao seu amor, Franco se tornou uma cortesã muito requisitada, e conseguiu dinheiro suficiente para manter uma vida de fartura.

Nossa última personagem, Gaspara Stampa foi uma poetisa renascentista italiana, considerada uma das mais relevantes de sua época, autora do livro *Rime*, que foi publicado após sua morte. Stampa nasceu em 1523, em Pádua, Itália, e recebeu de sua família uma educação artística e literária, podendo assim, se transformar na autora que conhecemos hoje. Mas não foi somente sua educação que contribuiu para que Stampa fosse a artista que conhecemos hoje, e sim o intenso amor que sentia e conseguia reproduzir em seus poemas, algo que nenhuma outra autora fazia na época. Após a morte de seu pai, Bartolomeo, sua mãe decide se mudar para Veneza, local onde a autora estudaria com sua irmã e as duas se tornariam cantoras e tocadoras de alaúde. A casa da poetisa se tornou um salão de encontro dos mais famosos pintores, músicos e escritores da cidade Italiana, onde discutiam assuntos de filosofia, poesia e tudo que fosse relacionado as artes.

Gaspara e sua irmã Cassandra apresentavam suas músicas, compartilhavam suas poesias e discutiam poemas de Francesco Petrarca, o poeta eleito como modelo para língua poética durante o Renascimento italiano por Pietro Bembo. A beleza, o encanto e o talento de Stampa tornaram-na famosa por toda a cidade de Veneza e sua casa começou a ser frequentada por pessoas importantes da alta sociedade da época, como: músicos, cortesãs, intelectuais e poetas. Em 1544, seu irmão, Baldassare falece por conta de sua

saúde fragilizada e acaba deixando Gaspara com uma grande crise religiosa. Nesse momento, ela acaba se afastando de suas atividades artísticas e ficando alguns meses reclusa para que pudesse refletir e cuidar de sua família. Após algum tempo de introspecção, ela retorna a sua vida social de outrora, conhecendo novos artistas, músicos, poetas e em dezembro 1548 conhece Collaltino de Collalto, eles começam a viver uma história de amor que influencia a maioria de suas obras, mas, apesar de sua entrega amorosa, o conde não corresponde à amante e faz o possível para não ter sua imagem vinculada a da autora renascentista e, após seus meses de namoro, ele abandona repentinamente a poetisa para combater na França.

Em novembro 1549, o conde retorna e reata o relacionamento com Gaspara, que havia sofrido muito com sua ausência e por nunca ter obtido resposta de Collaltino a suas cartas e sonetos. O silêncio de seu amado ajudou-a a perceber a frieza do amado, mas seu retorno encheu-lhe o coração de esperança de que os dois poderiam se casar. Não demorou, porém, para que o conde partisse novamente, voltando somente em 1550, quando os dois tentaram reatar uma última vez, mas acabam terminando o relacionamento definitivamente.

No ano 1552, Gaspara acaba se aproximando de Bartolomeo Zen e acabam vivendo um relacionamento menos afetuoso do que aquele que tivera com o conde, mas com mais interesses culturais, criando um relacionamento mais voltado para a companhia que um fazia ao outro. Em 1553, a saúde de Gaspara acaba se agravando e a jovem morre aos 31 anos de idade. No ano seguinte, sua obra intitulada *Rime* é publicada por sua irmã.

Apesar dos obstáculos, as quatro mulheres cujas histórias aqui narramos conseguiram estabelecer uma vida produtiva e fugir dos estreitos laços que a corte e a sociedade lhes punham amarrados aos pescoços. Ainda há muito sobre elas e esperamos que nossas referências bibliográficas possam satisfazer sua curiosidade. É hora de darmos ao cânone uma nuance feminina, afinal, desde sempre mulheres escreveram, apenas não encontraram, no passado, o espaço para serem reconhecidas.

Referências

BARBERO, MURIEL M. S. Vittoria Colonna ‘dedicata’: sulle dediche delle Rime di Vittoria Colonna tra XVI e XIX secolo. In: TERZOLI, Maria Antonietta. *Margini. Giornale della dedica e altro*. Basel: UNIBAS, 2019. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/338646178_Vittoria_Colonna_%27dedicata%27_sulle_dediche_delle_Rime_di_Vittoria_Colonna_tra_XVI_e_XIX_secolo_in_Margini_Giornale_della_dedica_e_altro_13_2019 acessado em 06/11/2020.

BERALDO, João Paulo Ribeiro. *A escrita feminina na Itália Renascentista do século XVI: poemas e cartas de Veronica Franco e Veronica Gambara*. 2019, f. 243. Dissertação (Mestrado em História) - Campus de Franca: Universidade Estadual Paulista —Júlio de Mesquita Filho, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/191283> Acesso em: 02/06/2020

BEAUVOIR, Simone. *L'età forte*. Giulio Einaudi editore s.p.a.: Torino, 1995.

BROOKLYN MUSEUM. Isabella d'Este. Disponível em: https://www.brooklynmuseum.org/eascfa/dinner_party/place_settings/isabella_d_este. acessado em: 10/06/2020.

COLONNA, Vittoria; STAMPA, Gaspara; GÀMBARA, Veronica. *Rime di tre gentildonne del secolo XVI*. con prefazione di Olindo Guerrini. - Ed. stereotipa. - Milano: Edoardo Sonzogno, 1882.

FRANCO, Veronica. *Poems and selected letters*. Edited and translated by JONES, Ann Rosalind Jones and ROSENTHAL, Margaret F. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

HARAGUCHI, Jennifer. *The Virgin Mary in the Early Modern Italian Writings of Vittoria Colonna, Lucrezia Marinella, and Eleonora Montalvo*. Provo(UT): Religions, 2018.

REGAN, Lisa K. *Ariosto's Threshold Patron: Isabella d'Este in the Orlando Furioso*. Berkeley: University of California, 2005.

MILL, John Stuart. *The subjection of women*. London: Longman, Green, Reader, and Dyer, 1878.

ROSENTHAL, Margaret. F. *The Honest Courtesan: Veronica Franco, Citizen and Writer in Sixteenth-Century Venice*. 2ª. Ed. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

SHEMEK, Deanna; FERRARI, Daniela. *Profile of Isabella d'Este*. Disponível em: <http://isabelladeste.web.unc.edu/profile-of-isabella-deste/>. acessado em: 02/07/2020.

SOUSA, Luciano Gomes de. *Gaspara Stampa: um estudo sobre a vida e obra da poetisa renascentista italiana e a sua recepção no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-30082012-095356/>. acessado: 08/06/2020.

STAMPA, Gaspara. *Rime di Gaspara Stampa* – Edizione di riferimento: a cura di C. R. Ceriello, Milano: Rizzoli, 1976. Disponível em: <https://www.liberliber.it/online/autori/autori-s/gaspara-stampa/>. acessado em 15/07/2020.

TALVELA, Xavier S. *Image and Independence: Isabella d'Este and the art of self-representation*. Detroit: Wayne State University, 2017.

Youtube: *Mulheres na História: A Mulher Renascentista*.

<https://www.youtube.com/watch?v=9sHdS08CF-8&t=24s>. acessado em 10/07/2020.

<http://www.nytimes.com/2018/06/01/books/review/vittoria-colonna-renaissance-woman-ramie-targoff.html> acessado em 29/05/2020.

<https://www.lib.uchicago.edu/efts/IWW/BIOS/A0011.html> acessado em 10/06/2020.

<https://www.pescaranews.net/focus/personaggi/6230/la-storia-di-vittoria-colonna-marchesa-di-pescara> acessado em 10/06/2020.